

Auridan Dantas

# BARRUADAS E CATABILHOS na estrada da vida de um beradeiro



Presidente da República      Michel Temer  
Ministro da Educação      José Mendonça Bezerra Filho  
Secretário de Educação Profissional e Tecnológica      Marcelo Machado Feres

**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia  
do Rio Grande do Norte**

Reitor      Wyllys Abel Farkatt Tabosa  
Pró-Reitor de Pesquisa e Inovação      Marcio Adriano de Azevedo  
Coordenador da Editora do IFRN      Darlyne Fontes Virginio  
Conselho Editorial      André Luiz Calado de Araújo  
   Dante Henrique Moura  
   Jerônimo Pereira dos Santos  
   José Yvan Pereira Leite  
   Maria da Conceição de Almeida  
   Samir Cristino de Souza  
   Valdenildo Pedro da Silva

Todos os direitos reservados

**FICHA CATALOGRÁFICA**

Ficha elaborada pela Seção de Processamento Técnico da Biblioteca Sebastião  
Fernandes do Campus Natal Central do IFRN.

A663b      Araújo, Auridan Dantas de.  
                 Barruadas e catabilhos : (na estrada da vida de um beradeiro). /  
                 Auridan Dantas de Araújo. – Natal : IFRN, 2016.  
                 98P..

ISBN: 978-85-8333-222-0

1. Literatura norte-rio-grandense – Crônicas. 2. Crônicas brasileiras. 3.  
Crônicas norte-rio-grandenses. 4. Literatura popular nordestina. I. Título..

CDU 82(813.2)-94

**DIAGRAMAÇÃO E CAPA**

Eriwelton Carlos Machado da Paz

**ILUSTRAÇÕES**

Prof. João David Júnior (docente de Artes do  
Campus Natal-Central)

**REVISÃO LINGUÍSTICA**

Maria Clara Lucena de Lemos

**CONTATOS**

Editora do IFRN  
Rua Dr. Nilo Bezerra Ramalho, 1692, Tirol.  
CEP: 59015-300  
Natal-RN. Fone: (84) 4005-0763  
Email: editora@ifrn.edu.br

Edição eletrônica: E-books IFRN  
Prefixo editorial: 68066  
Disponível para download em:  
**<http://memoria.ifrn.edu.br>**

# PREFÁCIO

A CULTURA, ASSIM COMO A LITERATURA, É UMA IMENSA TEIA ONDE DIALOGAM, e por vezes se confrontam, construções simbólicas das mais variadas e díspares, dando sentido à existência humana.

Na chamada modernidade líquida, na qual a superficialidade e a instantaneidade imperam quase de maneira despótica, observamos cada vez mais distante aquela tradição das conversas nas calçadas, dos idosos a contar causos e lendas para as crianças, da vida comunitária. Tradição que se mantém viva em pequenas ilhas de resistência, onde o moderno ainda não concretizou seu projeto de colonização.

Já decretaram o fim da história, a morte do autor e até mesmo a morte do livro. Mas, felizmente, se tratavam de prognósticos falsos. *Barruadas e catabilhos* ajuda fortalecer a tese de que a oralidade também não morreu. Mas não se trata de qualquer oralidade: trata-se da transposição de uma memória individual e coletiva para o plano do texto, de um projeto de valorização da variante coloquial da língua portuguesa, da língua tal qual é falada por milhares de nordestinos, o que contribui para enfrentar determinados preconceitos linguísticos e culturais.

Auridan Dantas de Araújo reivindica o direito à oralidade; o direito de pertencer a uma terra de grandes poetas e escritores, de grandes mestres e educadores; o direito de tecer um fio dessa imensa teia cultural narrando coisas simples, com seu vocabulário simples, para simplesmente dar sentido à existência. .

**Fátima Bezerra**

# COMENTÁRIOS

SOBRE AS “**BARRUADAS E CATABILHOS NA ESTRADA DA VIDA DE UM BERADEIRO**” creio ser muito importante ressaltar que, conforme é facilmente constatável, há uma riqueza muito grande de expressão cultural no Nordeste, como a literatura popular que registra expressões próprias da Região, valorizando a terminologia que, para nordestinos da gema, é motivo de orgulho pelo respeito às tradições e a miscigenação de raças que contribuíram na sua colonização, entre as quais podemos citar os colonizadores portugueses e holandeses, os nativos e escravos africanos.

Assim, as expressões colocadas nos belos textos/versos do nosso querido amigo Auridan Dantas evidenciam que, mesmo com a luta e busca pelas oportunidades e obtenção de titulações em nível de pós-graduação e de experiências no serviço público municipal, estadual e federal como dentista e gestor, sabe cultivar e respeitar a nossa origem miscigenada através de registros que merecem destaque na literatura popular do RN.

Esse destaque se encontra refletido desde o título do seu novo livro, bem como em todas as narrativas ocorridas com um **beradeiro fulêro** dentro da **modernidade**, com aparência de **desmantelado**, sendo **frechado** em situações diversas, na busca da **megasena da virada**, fazendo **conferência** de remédios na farmácia apenas balançando o **quengo**. Ainda, com o **abestalhamento na internação** e/ou **aperriado na compra de uma calça jeans**, na experiência **saporra de insônia**, chegando até a ter **devaneios de biloca**, a tomar **injeção na buzanza**, sua **sofrência** no pilates, a prisão dos **pentelhos**, passando por uma bela **mulher alinhada**, o chamamento de **môôô** ou **frescura mesmo**, a **focagem** na procissão do interior, entre outros

como a limpeza do “**frinfa**” com papel molhado depois de liberar o produto interno bruto no vaso sanitário. Nosso abraço pela bela produção **beradera** e o desejo de muito sucesso como escritor.

**Prof. Dr. Otávio Augusto de Araújo Tavares.**

Aposentado do IFRN e da UFRN



# SUMÁRIO

## **Seção 1: Arizias de Ontontem ..... 09**

VIDA DE BERADEIRO É UMA ETERNA ONDA.....	10
AINDA NO BANHEIRO DO SHOPPING .....	11
SEUS “FRECHADOS”!.....	12
BARULHO DE TIRO.....	14
DIA DE FEIRA .....	16
ORIGINALIDADE E SIMPLICIDADE .....	17
DEVANEIOS DE BILOCA .....	18
SÓ ACONTECE NO INTERIOR .....	19
MODERNIDADE INTERNACIONAL.....	21

## **Seção 2: Lorotas de Dotô ..... 23**

COM UM BERADEIRO ACONTECE DE TUDO.....	24
DOENÇA DE BERADEIRO .....	26
DIAGNÓSTICO FULÊRA E TRATAMENTO PERFEITO.....	28
A MEDICINA TEM LÁ DAS SUAS COISAS .....	29
QUE SITUAÇÃO, UROLOGISTA! .....	31
JOELHOS.....	32
INJEÇÃO SACANA.....	33
DEPOIS DOS 50 .....	35
TRATAMENTO DE CHOQUE.....	37
UM BERADEIRO ENCALACRADO.....	39

EM PROTESTO .....	41
ROTA DE FUGA.....	42
<b>Seção 3: Conversê aleatório .....</b>	<b>45</b>
MODERNIDADE .....	46
EU SOU MOLE, MESMO!.....	47
APARÊNCIA DE BERADEIRO DESMANTELADO ....	48
A TENDÊNCIA DAS COMPETIÇÕES .....	49
BERADEIRO PASSA POR CADA UMA! .....	50
MESA DE BAR – PROFISSÕES .....	52
CONFERÊNCIA.....	53
CALÇA “DE JEANS”.....	54
INSÔNIA.....	56
VIDA DE BERADEIRO, ESTILO DE BERADEIRO ...	58
JÁ OUVIU FALAR EM CORRER LÉGUAS? .....	59
A HISTÓRIA DO DOTE .....	60
É CIRCO, É?.....	62
O TAL DO PILATES.....	64
PORRAÉISSO .....	66
NÉ FOME, NÃO. É O QUÊ, ENTÃO? .....	67
SERÁ VERDADE?.....	68
QUESTÃO DE NOME.....	69
PENTELHO.....	70
MULHER ALINHADA .....	71
AMOR OU FRESCURA MESMO?.....	74
RODAGENS.....	76

CONVERSA DE NUTRICIONISTA .....	78
INVEJA .....	80
PALAVREADO .....	82
PALETÓ, MEU PALETÓ (E ÚNICO).....	83
VIAGEM SEM JEITO .....	86
AEROGORDA .....	90
GUARDA-CHUVA.....	92



SEÇÃO 1

# Arizias de Ontontem

# VIDA DE BERADEIRO É UMA ETERNA ONDA

LEVAMOS SEU “MANEL”, matuto beradeiro das “brenhas” do sítio mais sítio de um interior, para conhecer a cidade grande.

Depois de passear no Forte dos Reis Magos, tomar banho de mar pela primeira vez e chamar a praia de barragem sem parede, conhecer o maior cajueiro do mundo e dizer que aquilo é uma marmota, o levamos a um shopping, já quase anoitecendo.

Seu Manel ficou encantado com tanta “clarescência”.

Lá prás tantas disse que queria ir ao banheiro.

Um amigo foi acompanhá-lo e os dois quase fazem carreira com medo.

Quando abriram a porta, estava tudo escuro. Eles tinham sido alertados que quando isso acontecesse, procurassem um “pitoco” na parede, que ia acender uma luz.

Então, foram entrando e tateando pelas paredes, e de repente tudo se “alumiou”.

O amigo pergunta a Seu “Manel”: – foi o “sinhô” que apertou algum “pitoco”?

E Seu “Manel”: – eu não. “Votis”!

– “Vixe”, esse banheiro é mal-assombrado! – disse Seu Manel.

Cada um foi para um trono e ficaram bem quietinhos.

Puf. A luz apagou.

Pense num aperseio.

Cada um rezou o que sabia, mas bem quietinhos.

De repente, entra alguém assobiando e a luz acende de novo.

Eles ficam mais calmos.

Porém, basta um tempinho e a luz apaga de novo.

Pois num é que os dois matutos beradeiros se danaram a assobiar!

Vá explicar o que houve?

Não vão acreditar mesmo.

# AINDA NO BANHEIRO DO SHOPPING

SEU “MANEL” TERMINOU SUA OBRA, se levantou e fez o que todo mundo faz, mas sempre nega. Deu uma espiadinha para o “troço” produzido e ficou pensando em como se despedir.

Como não conhecia muito do sistema, porque lá no sítio do sítio do interior é na base da pá de cal, ele viu um “pitoco” em cima de uma caixa branca e tacou o dedo.

“Homi”, pense num susto grande.

Se o “pobi” já tava com medo da luz assombrada, ficou com mais medo ainda quando ouviu o barulho da descarga. Saiu do box correndo e rezando.

Já do lado de fora do box tomou outro susto: tinha um aparelhinho fixado na parede, daqueles que tem temporizador e libera aromatizante, e que foi acionado logo na frente dele.

Prá quê!

Pegue reza para o Padim Ciço.

E foi logo dizendo para o amigo: – venho aqui mais nunca. Só tem coisa assombrada.

## SEUS “FRECHADOS”!



ERA ASSIM QUE UM VIZINHO DA CASA DOS MEUS PAIS, lá no Alecrim, gritava quando a turma do bagaço ia tirar siriguela no terreiro da casa dele.

A gente ouvia, mas como sabia que ele não tinha velocidade, continuava o rapa de siriguela.

Certa vez, sem que nossa turma tivesse prestado atenção, ele botou foi um pastor alemão para correr atrás de nós.

Só que o cachorro antes de fazer carreira, já dava uns latidos. Era nossa salvação. Já pensou se esse cachorro resolvesse fazer a tocaia sem fazer barulho? Ia dar merda.

Mas como isso não aconteceu, e nós continuamos a fazer a feira, o danado comprou uma “espingarda de soca”.

Rapaz, teve um dia que nós não escutamos nem a voz dele e nem o latido do cachorro.

Tava estranho, mas a vontade de comer siriguela foi maior.

Quando já tinha quatro cabras pendurados no pé de siriguela, nós escutamos um pipôco e um grito.

O grito veio de um amigo, que estava com as costas toda vermelha e xingando até a mãe de pantanha.

Na mesma hora, veio tudo de uma vez: o velho gritando: – vou pegar vcs, seus FDP! – o cachorro latindo alto e doido para pegar as canelas de um de nós, e o medo de ser pego.

Foi um tal de sebo nas canelas, e uma decisão unânime: – gosto mais de siriguela não.

Agora eu pergunto: – já fizesse isso ou algo parecido, num foi não? Diga a verdade!

Claro. Você teve infância.

# BARULHO DE TIRO



“TIRINETE DA MULESTA” DE GENTE CORRENDO.

Dia de pagamento e o prédio da prefeitura estava lotado.

O consultório odontológico ficava no andar térreo do prédio da prefeitura e o estacionamento ficava na parte de trás do prédio, mas de frente ao consultório.

Tinha muita gente para receber o pagamento, mas também umas vinte a trinta numa escadaria estreita, esperando o meu atendimento.

Quando entrei com o meu carro, já tinha um caminhão e uma caminhonete na garagem, e a única brecha era por trás desses dois carros.

Segui até lá, e antes de desligar o meu possante fusca, motor 1.600, inventei de dar uma acelerada.

Paaaaaaaahhhhhh.

Ô barulho da “mulesta”.

Parecia um tiro.

Escutei uma gritaria grande, mas como ainda tinha que tirar minha mochila do carro e colocar aquelas travas antigas que amarrava a direção na marcha, demorei um pouco a sair do carro e não entendi nada.

Quando apareci por trás do caminhão, escutei um grito: se abaixa doutor, que estão atirando.

Rapaz, não tinha mais ninguém na escadaria, e o cara que gritou para mim estava só com os “zoin” de fora atrás da janela do consultório.

Puxa vida, demorei a conseguir explicar que não era tiro, e sim um peido do meu fuscão.

Ô carrinho escroto!

# DIA DE FEIRA



UMA CIDADE DO INTERIOR DO RN tem muitas datas importantes.

A festa da padroeira, a Vaquejada, dentre outras.

Mas o dia de feira é de categoria internacional.

Quando atuava como Dentista na cidade de São Tomé, eu vivenciei cada resenha.

Teve um dia que um cidadão foi chamado e, quando surgiu na porta do consultório, eu já notei que ele tinha “entornado umas canjibrinas”, só pela falta de equilíbrio.

Quando perguntei o nome dele, quase não entendi nada porque o estado etílico e a trombose na língua não facilitaram o serviço.

Na brincadeira eu falei: – já está anestesiado, né meu cumpade?

E ele: – tô nada. Tô é muito bebo mermu. Mas, vai ter “aguia”?

E eu: – depende de qual é o problema nos seus dentes. Em que posso ajudar?

E o sacana: – vim só lhe chamar para pagar uma bebidinha prá mim. “Vamu” encher a cara lá nas quatro bocas.

Agora me diga: é internacional ou não é?



# ORIGINALIDADE E SIMPLICIDADE

A CIDADE INAUGURA A SUA PRIMEIRA ACADEMIA, e o pessoal das quatro bocas se organiza para ir e diz para Biloca:

– Vamos malhar?

E o cara responde: – vamu. Vai mudar de canto, mas vamos malhar quem hoje?

É muita ciência!

# DEVANEIOS DE BILOCA

CIDADÃO PERGUNTA:

– Biloca, por que a mulher perde tanto cabelo?

E Biloca responde:

– Porque mulé sabe que nasce de novo ou compra peruca. Duvido mulé perder cartão, dinheiro e joia. Perde marido, mas acha outro bem ligeirim. Nê não?

É um cientista!

# SÓ ACONTECE NO INTERIOR

ULTIMAMENTE TENHO VIAJADO BASTANTE PELO INTERIOR DO RN, visitando os Campi do IFRN.

Em muitas ocasiões, lembro do tempo vivido em São Tomé.

Recentemente estive numa dessas cidades e vivenciei algo sensacional e autêntico.

Ao passar por uma rua que tinha uma praça, vi duas senhoras sentadas na calçada, naquelas cadeiras de balanço de ferro que tem um trançado de cordas plásticas.

Ambas estavam com um terço nas mãos, e pelo moído dos lábios, estavam rezando.

Me aproximei, pois vizinho a elas tinha uma bodega, e aproveitei para pedir dois bolinhos (daqueles que são embalados num saquinho plástico e ficam espetados num pedaço de arame em cima do balcão) e uma grapete ks, que estava bem geladinha.

Saí da bodega e me escorei na pilastra, ficando bem próximo delas.

Foi então que revivi cenas do passado.

O negócio era assim:

Uma delas, provavelmente a dona da casa, pois de instante em instante olhava para dentro, rezava baixinho, parecendo um resmungado, e muito ligeiro, sem pausa para nada, quase como locutor de vaquejada e de corrida de jumento: – avemariacheiadegraçasenhoraéconvosco, mulé tu visse seu Juvenal? benditasoisvós...

E a outra: – venhaanósovossoreino, pois num é. Que homi cabido. Sejafaitavossavontade...

E Dona Cotinha (descobri o nome depois): – entreasmulheres, com uma menina bem novinha. Ô bicho safado, pois parece que ela é virgem.

E Mariquinha (também só descobri o nome depois): – assimnaterra-comonocéu, virgem nada! Ela já é furada.

E a rezaria e a fofocagem corriam paralelas, num ritmo alucinante, e sem ver nem que interromperam tudo porque Dona Cotinha disse que ia entrar para ajeitar a janta.

Mas, antes de sair, fiquei lembrando de outra cena proporcionada por Dona Cotinha: quando ela falava, a chapa dançava na boca, e num gesto rápido com a língua e lábios, ela jogava a chapa pra dentro da boca de novo.

E foi com essas cenas no juízo, que eu peguei o beco e retornei do passado.

# MODERNIDADE INTERNACIONAL

O JOÃO DE DONA ZEFA É UM MATUTO DE ALTA QUALIDADE, porém é avesso às velhas e novas tecnologias.

CertWa vez foi a um shopping, e como estava com muita fome, resolveu fazer um lanche.

Ocorre que os nomes das comidas era tudo numa linguagem que ele não entendia.

- hot-dog
- cheese-eggs
- tagliolini
- e tantos outros.

Desse jeito, ele fechou os olhos e escolheu seu pedido no nome que o dedo parou: lasanha de quatro queijos e batata sauté.

Haja lactose.

Depois de um tempo, a coisa apertou. Coisa de novela. Efeito relâmpago.

Foi procurar um banheiro.

Quanto mais ele andava, mais a situação piorava.

Quando ele avistou a porta do banheiro, foi que arrochou o aperreio. Até parecia que o “olho mágico” dele tava vendo.

E pegue andar ligeiro, mas com as pernas juntas e a retaguarda travada.

Quando abriu a porta e sentou no vaso, ele teve a mesma sensação de um chocólatra numa fábrica de chocolates, de quando a pessoa chega em casa e tira um sapato muito apertado, de uma mulher quando tira o salto alto depois de andar 200m numa rua de paralelepípedos. Êxtase total.

Depois de liberar o seu PIB - produto interno bruto na privada, foi que ele viu que não tinha mais papel higiênico. Teve um calafrio.

Mas, ao lado do rolo vazio, tinha uma coisa pregada na parede e com um papel molhado e cheiroso.

Resultado: ele limpou o “frinfa” com isso e ficou pensando: – será que se pega friagem pelo olho cego?

## SEÇÃO 2

# Lorotas de Dotô

# COM UM BERADEIRO ACONTECE DE TUDO

É ISSO!

Com um beradeiro acontece de tudo.

Faço “trocentas” viagens a trabalho e não fico doente.

Quando vou fazer uma viagem com a família e amigos, passo o dia todo muito bem e exatamente na hora de fazer o check-in, bbbuuummmm. Uma dor de lascar na perna esquerda, na altura do quadril, que não me deixa sequer ficar em pé. Por sorte, ou descuido do azar, a empresa aérea resolveu aumentar a distância entre os assentos. Quando consegui chegar ao meu lugar, e me acomodei muito bem, a dor diminuiu.

E pegue vôo. Uma escala sem sentir dor. Uma conexão e a necessidade de levantar e andar - e haja dor. Muita dor.

Chegamos ao destino e, ao me dirigir ao saguão do aeroporto, quase caí de tanta dor. Procurei logo me sentar em qualquer degrau de escada. E nada! No aeroporto só tinha escada rolante. Sentei no chão enquanto a mala não aparecia na esteira.

Depois dessa agonia, pegamos um táxi no rumo do hotel. Um casal amigo arrumou um remédio anti-inflamatório e analgésico e eu tomei para ver se conseguia dormir. Mas, um banho morno e uma esposa bem intencionada são muito melhores. Fizemos meditação transcendental orgânica multicultural anatômica atômica. Dormi logo depois.

Porém, do dia seguinte em diante, foi muita dor e sofrimento e poucos momentos de alegria.

Se tem alguém que é contra a cerveja, eu vou logo adiantando que mude de ideia.

Nos poucos momentos de alegria, eu consegui esquecer a dor, pois a cerveja me fez essa caridade.



Só que chegou um momento que a dor estava tão intensa que tive que procurar um atendimento de urgência. Foi então que descobri que em Belém do Pará a anatomia é diferente.

O médico sequer me examinou, mas foi logo passando uma medicação injetável e um Raio-X.

A enfermeira me disse que a injeção teria que ser na buzanha. Porém, quando me organizei, senti foi uma pontada nas costas. Ela disse: o senhor está muito contraído, pois está muito difícil a agulha entrar no músculo. E eu disse: além de ser medroso, pois certamente qualquer um no meu lugar estaria contraído, você está dando a injeção nas costas e não na buzanha. Isso aí é osso. E ela toda desconcertada disse: é assim mesmo, já estou terminando.

Pois bem, quando ela terminou, eu ganhei foi mais uma dor. Fiquei com a dor anterior no quadril esquerdo e com uma dor novinha em folha no lado direito das costas. Acho que ela queria balancear as dores.

Logo depois fui chamado para fazer o raio-X. Ai constatei que essa outra enfermeira era da bagaça. Enquanto a primeira não quis aplicar a injeção na buzanha, quer seja por burrice, quer seja por pudor, essa outra partiu para a sacanagem. No primeiro raio-X ela pediu para eu baixar a bermuda. Fez a radiografia e pediu que esperasse. Logo voltou e disse que teria que fazer de novo. Dessa vez, pediu para baixar a bermuda e um pouco da cueca. Eu aguardei. Com pouco tempo ela voltou e disse: temos que fazer de novo. Na terceira vez, nem esperei ela falar, já fui logo baixando a bermuda e parte da cueca, mas ela não se contentou e pediu para baixar a cueca toda. Ah danada sabida! Fez a radiografia e pediu para aguardar. Na sequência que ia, já fiquei pensando qual seria o próximo passo.

Mas, “carequei”.

Ela mandou voltar para a recepção.

# DOENÇA DE BERADEIRO

QUANDO ERA CRIANÇA eu só ouvia falar que as doenças de beradeiro eram:

- Tirar o chamboque do dedão;
- Ter perebas nos cambitos;
- Ficar empanzinado;
- Espinhela caída;
- Inhaca;
- Ficar macambúzio;
- Papeira;
- Passamento;
- Ficar com cara de sibite baleado;
- Trupicão;
- Zureta;
- Caganeira, e tantas outras.

Mas, a modernidade trouxe muita coisa estranha.

Hoje completa uma semana que estou com uma dor muito forte na perna esquerda, mais precisamente na altura do quadril.

Isso faz com que eu não consiga ficar em pé por mais que alguns segundos e que o simples ato de andar seja transformado num ato de tortura extrema.

Tenho tomado todo tipo de remédio e até abdicado de beber uma cervejinha, pois mesmo não acreditando que o álcool interfira nos efeitos da medicação, eu tenho que tentar de tudo, porque a dor é insuportável.

O raio-x não indicou nada. O exame clínico descartou algumas coisas, mas não é definitivo.

E como o resultado da ressonância magnética só sairá no dia 20 do mês, temos algumas opções de perebagem, cujos nomes se forem

ditos na difusora de qualquer cidade do interior, pode causar pânico e debandada geral.

Espie só a arrumação:

**Opção 1** – Síndrome do piriforme (que pode estar causando a compressão do nervo ciático) - negócio prá filho de goiamum;

**Opção 2** – Bursite trocantérica - nome feio da porra;

**Opção 3** – Ruptura do músculo sei que lá sei que lá sei que lá;

**Opção 4** – Distensão muscular, devido o filho da peste ter jogado sem poder;

**Opção 5** – sacanagem mesmo.

**Resumo:** Em um ano, já estou de novo de castigo, dentro do meu quarto, sem poder sair e quase ficando doido (Obs.: desculpem, pois já sou doido. Estou só em mais uma crise).

Mas, o danado mesmo é que a dor não passa nem com a gôta.

Contudo, descobri um site bacana onde diz que a cerveja faz milagres e estou providenciando o aluguel de um barril de chopp diário.

Tenho certeza que a dor pode até não passar, mas que eu vou esquecê-la eu vou. Num tá nem com a “bixiga”.

# DIAGNÓSTICO FULÊRA E TRATAMENTO PERFEITO

– Ei, tu tem bico de papagaio?

– Não, estou “tronxo” mesmo.

– “Modo de quê”?

– Porque nos jogos eu dei um “tivuco” e furei, me “estabacando” no chão.

– E agora?

– Dor. Muita dor. É tanta dor, que eu vi os 7 Anões mandar a Branca de Neve se lascar, a Chapeuzinho Vermelho dá uma dedada no lobo, a Cinderela só acordar se ganhar sandálias havaianas, os 3 porquinhos comprarem uma kombi para morar nela, a Rapunzel raspar o cabelo porque descobriu que o príncipe era viado e o Pinóquio parar de mentir só de sacanagem.

– Mas nem lhe disseram o que causa essa dor?

– Disseram sim. Só palavrão: condropatia fêmoro-acetabular; focos de ossificação em topografia labral; herniação sinovial na cabeça do fêmur e edema no glúteo, relacionado a estiramento, com ruptura de fibras musculares.

– Ô putaria da peste.

– Pois num é! Não consigo nem andar.

– E o tratamento?

– Cerveja com analgésico, ensopado de anti-inflamatório e fisioterapia na praia. É o fraco...

# A MEDICINA TEM LÁ DAS SUAS COISAS

## A MEDICINA TEM LÁ DAS SUAS COISAS.

Como estou “neuvoso”, ansioso e com insônia, devido a um exame que vou fazer amanhã, fiquei matutando uns troços esquisitos.

Por exemplo: para fazer esse tal exame de ultrassonografia do abdômen total e próstata, é preciso toda uma preparação.

No dia anterior, ou seja, hoje, eu tive que tomar 40 gotas de uma tal de Simeticona, por três vezes - às 11h, às 17h e às 22h.

É lógico que só sabe o que danado é Simeticona quem é médico ou é da área.

Mas para o povo em geral, como esse beradeiro aqui, é o famoso Luftal.

O expert que criou esse medicamento jamais imaginou o estrago que causaria na camada de ozônio.

Homi, seu “minino”, certamente você já encheu uma bexiga e soltou, antes de amarrar, para ver ela sair voando e rodopiando no ar.

Apois é como eu estou hoje à noite.

Depois de 120 gotas de Luftal, eu estou com essa mesma sensação de sair voando.

É tanto que me amarrei na cama, porque o teto é de gesso.

A patroa está tão enrolada que jamais vai escutar ou sentir nada, mas corre o risco de sair voando junto.

Mas fico pensando como será a minha chegada triunfal na clínica.

Sim, é triunfal, pois uma hora antes do exame, pegue mais 40 gotas de Luftal.

Como na clínica todos sabem da situação de quem vai fazer esse tipo de exame, acho que vou ser atendido via EaD.

A recepcionista vai mandar eu jogar a carteira do plano lá da porta. A digital deve ser passada no outro quarto.

Mas e o doutor que vai pilotar o exame? Deve usar escafandro.

Já pensou ele passando aquele gel melequento no meu bucho, catucando aquele arremedo de mouse e fazendo pressão?

Vai se lascar.

Ô profissãozinha ingrata!

# QUE SITUAÇÃO, UROLOGISTA!

## QUE SITUAÇÃO!

Consulta marcada para o urologista. Preparação psicológica em tramitação e, de repente, o pessoal da clínica telefona e diz:

– Tem vaga agora! Venha rápido, se não só daqui a um mês.

O beradeiro se avexa e vai, mesmo sem preparação técnica-inter-psicológica-emocional, pois não aguenta mais ficar sem dormir, devido à mijadeira.

Chega no consultório.

Todos os marmanjos de cabeça baixa.

Uns lendo, outros fazendo Sudoku e a maioria bulindo no molecular.

Ninguém levanta a vista porque sabem que poderão ser estuprados pelo dedo do doutor.

Uns ficam pensando: “Será que ele cortou a unha?” Outros pensam: “Vou pedir para usar o mindinho.”

Mas, o beradeiro e o resto da “reca” fica torcendo para ele dizer: “Vou pedir o PSA. A dedada não será necessária.”

Numa hora dessas, a prega pselúdica - aquela responsável pelo subtotal, dá um pinote de alegria.

Pois é. Que situação essa da próstata!

Tanta tecnologia, mas parece que só não avança nesse caso.

O “boga” é quem se lasca.

# JOELHOS

TEM GENTE FALANDO EM CRISE, mas eu vejo promoção, liquidação e o “diaboaquato” no meio do mundo.

Mas ainda não localizei nenhuma promoção dessas de joelho completo.

Já fui no BuscaPê, Prega e Aprega, Kd VC, Tá na Pista, Classificados on line, Fuleragens e Catrevagens, Pega prá Tu e muitos outros, mas “necas de pitibiriba”.

Aqui e acolá eu escuto falar de liquidação só da “bolacha” do joelho.

Mas não serve não.

Tem que ser completo, modelo 61, com no máximo 54km rodados.

É preciso vir com todos os ligamentos intactos, meniscos zero bala e condromalácia no grau zero.

Tem que estar tinindo.

E mais, com direito a test drive.

Se ajudar o velhinho a fazer uns gols, eu pago à vista.

E se tiver o par, aí mermão, eu pago qualquer valor.



# INJEÇÃO SACANA

NÃO SEI SE EU CONTO!

Pelo menos não deveria.

Mas, como não tenho futuro mesmo, eu vou contar essa presepada.

Depois da cirurgia da coluna, eu fui aconselhado pelo médico a não fazer certas coisas, tais como me abaixar, pegar peso, dirigir por longo tempo, entre outras proibições.

Ocorre que neste carnaval eu só fiz besteira e teve um dia que fiquei quase sem andar.

Mesmo depois da cirurgia....

O doutor me deu um “carão” da peste e receitou uma injeção que deveria ser chamada de Bomba Atômica.

A danada é tão forte que só pode ser tomada de seis em seis meses.

Comprei, mas passei quase duas semanas sem coragem de tomar a danada.

Chegava nas farmácias, rezando para não ter quem aplicasse. Fui premiado com isso bem umas três vezes.

Porém, como a dor na coluna ainda persistia, inventei de comentar sobre a necessidade da injeção no meu local de trabalho.

Sacanagem.

Não é que tem uma enfermeira.

E ela se prontificou de imediato a aplicar a injeção.

O problema é que no meu local de trabalho não tem uma sala de enfermaria, mas ela tinha todos os materiais para fazer a assepsia, pois a medicação já veio com a seringa esterilizada.

Rapá, foi quando descobri que essa tal injeção tinha que ser aplicada na buzanfa, devido a sua viscosidade. E a vergonha?

E o procedimento teve que ser realizado na minha sala de trabalho.

Ainda bem que lembrei de fechar a porta.

Já pensou se esqueço e o Reitor entra na sala justamente na hora que a minha buzanza está “ao léu” e a enfermeira está passando o líquido de assepsia?

Daqui que a gente explicasse o que estava acontecendo, já tinha passado um filme de sacanagem na cabeça de qualquer cristão que entrasse de supetão.

Tem jeito não!

Com esse beradeiro acontece de tudo e tudo termina em resenha.

Nessa quantidade, não vai ter livro que chegue para caber tanta presepada.

# DEPOIS DOS 50

DEPOIS DOS 50 ANOS nós temos que tomar cuidado nas conversas.

Tem hora que junta dois ou três amigos e, invariavelmente, fala-se em saúde, ou melhor, na falta de saúde, cirurgias e outras mazelas.

Vira conversa de idoso (com todo respeito).

E hoje, em conversa com um amigo sobre uma cirurgia de apêndice, lembrei de mais uma “caninga” que ocorreu com este beradeiro.

Certo dia, sai do trabalho com uma dor danada no pé da barriga. Especificamente do lado direito...

Quase não conseguia dirigir até em casa.

Quando consegui chegar, me “avexei” para me deitar e tomar algum medicamento.

No meu juízo, mais parecia uma prisão de ventre e o que eu mais queria era “flatular”.

Popularmente, peidar à vontade.

Até laxante eu tomei. E nada.

A dor só fazia aumentar.

Já quase meia-noite resolvi ir à uma urgência.

E o pior: dirigindo, pois minha filha ainda era pequena e não dava para deixarmos ela só.

Cheguei na urgência de um pronto-socorro perto de casa e ao ser atendido por uma médica, que sequer me examinou, fui orientado a ir para uma cama na área de repouso e tomar medicação injetável, através do soro. Imagine para que era a medicação? Para peidar.

Fiquei quase duas horas nessa situação e em certo momento me perguntaram se tinha melhorado. Da dor, eu tinha realmente melhorado um pouco, porém, os outros pacientes do repouso devem ter piorado, porque eu estava uma verdadeira máquina de peidos, porque juntou o remédio tomado em casa com o remédio do hospital.

Amanheci melhor.

Depois de um mês, quando estava pegando a minha filha na escola, comecei a sentir a dor de novo. Só que dessa vez estava muito maior.

Não esperei muito, e dessa vez a minha esposa me levou para um hospital bem conhecido em Natal, em Lagoa Nova.

Uma médica, já com certa idade e que imaginei ter bastante experiência, também não me examinou e passou a “peste” do mesmo medicamento para peidar. E lá fui eu contaminar outra sala de repouso.

Quase amanhecendo o dia fui liberado, pois com tanta medicação para dor, eu estava melhor.

Só que ao chegar em casa, não consegui nem me deslocar até o quarto. Voltou a doer muito.

Assim sendo, fomos a outro hospital, que faço questão de dizer o nome - Hospital São Lucas.

Fui atendido por uma médica com cara de adolescente, provavelmente recém-formada.

E foi exatamente ela, a única profissional que me examinou, que num teste simples descobriu que era uma crise de apendicite.

Fiquei internado imediatamente. E a cirurgia foi marcada para o mesmo dia.

Graças a Deus, deu tudo certo, e eu não precisei mais concorrer com três amigos peidões: Júlio, Giba e Carneiro.



# TRATAMENTO DE CHOQUE



EU PENSEI QUE ISSO ERA COISA DO PASSADO e tinha sumido com o fim da ditadura.

Porém, hoje de manhã, passei por um verdadeiro tratamento de choque.

O escrotinho do doutor, querendo descobrir quais os nervos que estão sendo comprimidos pelo cisto na coluna, danou-se a me dar choque.

Rapaz, um beradeiro acordar às 5h da madrugada é até normal, afinal de contas tem que dar conta da roça, mas acordar a essa hora para tomar choque é de lascar.

Teve uma hora que quase levito.

Ô choque miserável!

E ele achando pouco, ainda veio com um martelinho dar umas porradas nos meus joelhos e nos tornozelos.

Eu não aguentei e perguntei: além da queda ainda tem o coice?

E ele sorrindo, disse: estou verificando os reflexos.

E eu disse: homi, nessa região só tem dor. Se tinha reflexo, já fez carreira há muito tempo.

Ê! Parece que está iniciando uma nova saga.

Será que vai sair outro livro?

Se para sair um livro eu tiver que sofrer tanto, vou pedir a Deus para parar com essa brincadeira.

Gosto não!

# UM BERADEIRO ENCALACRADO

A TAL DA RESSONÂNCIA MAGNÉTICA!

Um avanço da ciência e tecnologia.

Mas, vai você lá prá dentro da máquina?

Dia desses fiz uma do Joelho. Fiquei com a caixa dos peitos para cima do lado de fora.

Só não foi bacana porque faz um barulho da peste e demora.

Mais recentemente, fiz uma do quadril. Só ficou o cangote do lado de fora. Com os “zói” aberto, só dava para ver o teto, e se olhasse um pouquinho para cima e para trás.

Por sinal, está precisando de uma pintura nova.

Mas, “ontontem”, fiz uma da coluna. Rapaz, fui literalmente enlatado.

Antes de “imbiocar”, a enfermeira falou que ia demorar uns 45 minutos, e que eu tinha que ficar imóvel.

Fiz logo umas contas de cabeça: 1 minuto = 60 segundos e 45 minutos = 2.700 segundos. E pensei: para aguentar esse tempo todo ali encaixotado e sem ver nada, vou ter que contar.

E comecei: um, dois... quando chegou em 125 eu me aperriei.

Até parece coisa do satanás.

Numa hora dessas, o juízo produz tudo quanto é porcaria.

Deu logo vontade de coçar o nariz. E me danei a contar de novo para esquecer.

Logo depois, deu uma câimbra na perna. E pegue contagem de novo.

Mas, o pior ainda estava por vir.

Nessa sacanagem toda, eu não conseguia passar de 200.

E aí, veio a vontade, seguida imediatamente da ordem de serviço, de flatular. Como eu estava sozinho, não teve jeito. Liberei o “purrute”.

Como já estava perdido na contagem, resolvi rezar.

E fui na sequência de um terço. Ocorre que nunca prestei atenção quantas Ave-Marias são antes de cada Pai-Nosso.

Mas, como imaginei que a santidade nem ia estar prestando atenção na quantidade, mas sim na qualidade, eu segui do jeito que conseguia.

De repente, com o odor ainda atuando, escuto uma voz no fone de ouvido: a ressonância vai ser interrompida, pois será necessário aplicar contraste.

Homi, me agoniei de novo. Lá ia a enfermeira entrar na sala e identificar a tragédia.

Não teve jeito. Quando ela me puxou para fora, visando aplicar o contraste, fez logo uma careta e um fungado.

E eu, na cara de pau, e para descontraír, falei: desculpe, não teve como segurar.

E ela sorrindo, disse:

– Até parece que você está querendo descontar o que estamos fazendo com você.

E eu concluí:

– É não. É apenas um beradeiro encalacrado.

E com esse tanto de magnetismo eu já estou competindo com as bandeiras Visa e Master. Agora tem o Auridan de crédito e o Auridan de débito.

É lógico que o de débito está sendo o mais usado e por isso estou liso.



# EM PROTESTO

RAPAZ, HOJE, EM PLENA SEXTA-FEIRA, quando a médica da urgência sentenciou: você vai tomar antibiótico por 5 dias, antialérgico por 7 dias, suspensão tópica nasal até acabar o conteúdo, eu não me contive e perguntei: – e a cerveja, também é por tempo indeterminado?

Hômi, ela pegou ar.

Proibiu na maior cara de pau.

“Nera” melhor ter ficado calado. Ah, jumento.

Pelo menos ficava a dúvida. E na dúvida, a decisão é pró réu.

Ô castigo!

Mas aprendi a lição.

Porém, para não passar em branco, vou beber “cebion sandoz” com limão - lembra espumante, Fanta - lembra birita misturada com Vodca, coca-cola - lembra Montila e guaraná - lembra whisky.

Que merda, não tem nada que lembre cerveja!

Ajuda aí, meu povo.

Me dê ideias, senão o churrasco vai ser muito “fulêra”.

# ROTA DE FUGA



DIA DESSES ESTAVA NUMA CLÍNICA MÉDICA e, como um beradeiro (que também é conhecido como coruja, pois tem os “zói” grande e fica só observando), fiquei observando tudo o que acontecia ao meu redor, pois a espera para ser atendido sempre é muito grande.

Fiquei olhando a estrutura da recepção, o atendimento, as pessoas que chegavam e tudo o mais. Tudo isso já pensando em material para uma resenha.

Dito e feito.

Admiro muito o trabalho dos arquitetos e engenheiros, mas nesse dia fiquei preocupado com um fator.

Cada projeto arquitetônico tem lá suas especificidades, bem como justificativas, mas no caso em questão, acho que deviam pensar em reorganizar.

Os banheiros da clínica estão situados bem ao lado da recepção. E sei que tem justificativa para isso, como falei antes.

Ocorre que a coitada da recepcionista passa por cada situação constrangedora.

Por coincidência, e visando me fornecer material para as resenhas (nem sei que era o cidadão, mas já o achei um cara legal), um cidadão desses vestido tipo executivo de multinacional, “imbiocou” no banheiro, logo depois que falou com a recepcionista.

O homi tava ligeiro.

Em poucos minutos (ou segundos, pois meu nariz estava entupido), comecei a ver a coitada da recepcionista bastante incomodada e tentando cobrir o nariz. Só que não podia, pois tinha um fone e um pequeno microfone acoplado que servia para atender telefone sem precisar usar as mãos.

De repente, uma senhora que estava sentada ao meu lado fez uma “rabissaca” brusca e disse:

– Nam, esse homem tá podre. Isso é uma vergonha.

Foi quando as minhas “ventas” entenderam a situação e tentaram puxar um pouco de ar (pois até o presente momento estava respirando pela boca, e tendo em vista a situação citada, estava eu comendo “bosta”, literalmente).

Quando seu “tota” - é o apelido do meu cérebro - captou a mensagem enviada pelo nariz, deu uma resmungada básica, e enviou um “telex” para o meu instinto, eu também falei de supetão:

– Já saiu de casa cagado, e veio aqui só se limpar.

Ficou todo mundo esperando o cidadão sair, para ver a cara do sujeito.

Pense numa vergonha!

Cabeça baixa, ajeitando a gravata o tempo todo. Quando elevou a cabeça, procurou olhar para o horizonte mais longe que podia - as paredes. Não tinha outra opção. Nem quadros pendurados tinha, pois ele podia se aproximar e fazer uma análise abalizada daquelas artes.

Mas, o que restou foi enfrentar o povo e a catinga, que ainda pairava no ar.

Sequer puxou conversa com alguém.

E foi salvo sabe por quem? O “molecular”! E pegue zap-zap, faicebuk e tuiti.

Assim sendo, gostaria de recomendar aos arquitetos, na minha mais humilde opinião de leigo, que adotem a estratégia de que: se for mantida a localização dos sanitários ao lado da recepção e da sala de espera, que sejam projetadas duas rotas de fugas: uma para a catinga miserável e outra para o cidadão produtor de energia limpa não renovável, mas fedorenta.

Porém, duvido que o zap-zap, facebuk e tuiti deixe de ser a salvação em outras situações.

E viva as mídias sociais.

## SEÇÃO 3

# Conversê Aleatório

# MODERNIDADE

AS VELHAS E NOVAS TECNOLOGIAS querem lascar esse beradeiro.

Instalaram um secador de mãos elétrico num dos banheiros do meu local de trabalho.

Excelente.

Economia de papel e melhoria do meio ambiente.

Retiraram as toalhas de papel e ainda bem que deixaram o papel higiênico.

Ocorre que quando o cidadão vai usar o sanitário e depois precisa só lavar as mãos, a coisa está resolvida, no que se refere a enxugar utilizando o dito cujo aparelho (nunca consegui secar totalmente e fico com vergonha de apertar as mãos de qualquer pessoa).

Porém, fiquei imaginando como é que se faz quando se vai escovar os dentes, e depois se quer enxugar a boca.

Não tem mais toalha de papel.

É totalmente “tronxo” se abaixar e ficar de baixo do aparelho com a boca escancarada e esperando secar.

Só sobra o velho papel higiênico.

E é “mermu” que está passando merda na cara, pois papel higiênico por aqui não tem essa de perfumado não, é cheiro de bosta pura.

E agora?

# EU SOU MOLE, MESMO!

CERTAMENTE VOCÊ JÁ VIU AQUELE POVO QUE FICA CANTAROLANDO BAIXINHO enquanto faz alguma coisa, tal como dirigindo, caminhando, tomando banho, etc...

Mas tem que ter cuidado com a música que canta, além de prestar atenção em quem está ao redor.

Em especial quando está com fone de ouvido e perde a noção do volume da voz.

Estava eu caminhando com meu “aparelhinho reeira”, que tem uma “mistureba” de música e sem sequência lógica nenhuma, com os fones de ouvidos atolados nas “zureia, quando tocou Michel Teló (que eu não gosto nem com a gota serena), mas devido o cansaço e o ritmo, eu deixei rolar e me danei a cantar: – ai se eu te pego, ai ai se eu te pego...

Homi, uma “catrevagem” que ia na minha frente se virou, fez cara feia, que nem precisava, e ainda deu uma “rabisacada” e gemeu: – rrruummm.

Uma criatura daquela, que a mãe não deu à luz, deu foi um choque, e ainda botando bancal

Fico imaginando se eu tivesse cantado a música da fuleragem de Escurinho da Paraíba.

Eu ia levar era uns “bregas”, uma tapa ou um tiro.

# APARÊNCIA DE BERADEIRO DESMANTEADO

ONTEM TEVE FUGA DE PRESOS EM NATAL.

Hoje fui caminhar e não deu tempo de fazer a barba.

Pois num é que estou muito mal de aparência!

Após a caminhada passei em uma padaria e o pessoal da segurança ficou me acompanhando com os “zói”.

Só de sacanagem, quando me aproximei do caixa fiz um movimento brusco e meti a mão em baixo da camisa.

A moça do caixa arregalou os olhos, o segurança deve ter dado um pinote, e eu disse a ela:

– é “xanha”.

E para completar, ainda dei uma nota de 50 para pagar uma conta de 7,80.

Pega prá tu!



# A TENDÊNCIA DAS COMPETIÇÕES

FUI CAMINHAR HOJE e resolvi ficar um tempo me exercitando nos equipamentos instalados no local.

Estava no maior esforço quando a turma ao meu redor começou uma disputa entre algumas senhoras e senhores idosos (minhas companhias atuais):

Senhora 1: – Qual o seu médico?

Senhora 2: – Fulano.

Senhora 1: – O meu é beltrano.

Senhora 2: – O teu passou quantos remédios?

Senhora 1: – Seis.

Senhora 2: – Só? Depois o meu é bom demais, passou foi oito.

Senhora 1: – E tu sente o que mesmo?

Senhora 2: – Dor nos ossos, no espinhaço e nas canelas, gastura, pressão alta, farnizim, esquecimento e não lembro mais das outras coisas não.

Pronto.

Só tinha que rir mesmo.

# BERADEIRO PASSA POR CADA UMA!

VISITANDO UMA ALDEIA NO MEIO DA AMAZÔNIA, mas que não lembro o nome, de cara já notei que os índios são sabidos todo, porque a chegada é internacional. Coisa para turista.

Vai prá lá, vem prá cá, e pegue dança dos ancestrais.

Depois, passa uma cuia por todo mundo que, na cultura deles, todos têm que dar uma bicada mesmo sem saber o que é, senão será uma desfeita.

Era um aperitivo alcoólico de plantas.

E o juízo já começa a fazer toiiinnn, porque o beradeiro em vez de dar uma bicada, deu foi uma golada.

Na sequência, veio a sabedoria suprema dos índios.

Primeiramente, os índios saíram escolhendo damas para dançar. Só pegaram as novinhas bonitas, charmosas e gostosas. Elas não podiam deixar de ir, pois seria desonra.

Depois, as índias vieram escolher os homens.

Rapaz, aquele monte de índia novinha, quase peladas, só escolheram a rapaziada.

Quando vi que todas já tinham escolhido os seus, foi que vi uma índia velha me olhando. E bote velha nisso.

A danada veio e me escolheu.

“Homi”, era a esposa do cacique, e acho que era da idade das cavernas.

Tudo caído. Até as orelhas.

Mas a bebida da cuia tinha feito efeito no juízo da índia velha, porque ela era a que mais corria, rodopiava e pinotava. E eu sendo puxado por ela.

Terminou a tal da dança e eu estava mais bêbado do que cansado.

Acho que era essa a técnica que essa índia usava com o cacique na hora do “vamuver”.

Só assim para ele encarar tanta feiura.



# MESA DE BAR – PROFISSÕES

## MESA DE BAR.

Conversa de um grupo de amigos.

Papo vai, papo vem.

Futebol, loiras (geladas e quentes), e lá se vai.

Até que chega o assunto profissões.

Muitas que rendem resenhas. Outras nem tanto.

Mas a turma parou na de proctologista.

O cabra passar seis anos no curso, e ainda fazer pós-graduação em “foroboscoite”.

Sequer gostar de peixe!

E a conversa evoluiu para o seguinte, mas com todo respeito ao código de ética médica, mesmo que nenhum deles fosse da medicina:

– O cabra fica pensando que só vai tratar de material do tipo das mulheres frutas, tais como Melancia, Melão, Manga Rosa.

Mas, quando cai na real, se depara com:

- a. Uva passa - não dá nem prá saber onde fica o limite entre a perna e a buzanha.
- b. Jaca - de tão grande, ele só consegue descobrir onde fica o anel se usar um esquadro.

E a mais complexa:

- c. Maracujá - é um objeto não identificado.

Pense numa ciência profunda...

# CONFERÊNCIA

JÁ TEM ATÉ VÍDEO DO PORTA DOS FUNDOS SOBRE O ASSUNTO, mas presenciar é interessante.

Estive numa farmácia para comprar os meus remédios da PVC e PVI e um senhor de uns 70 anos estava na minha frente na fila do caixa.

A moça do caixa pegava os medicamentos de cada cliente, passava os códigos de barra e depois falava em voz alta o nome de todos, para que o cliente conferisse.

Foi nessa que o senhor “encabulousse”.

A moça falou prá ele: – 2 pacotes de camisinha, 1 frasco de vaselina, 1 caixa de Nizoral (prá pano branco), 1 frasco de Tênis Pé Baruel (prá xulé) e 1 caixa de Hemovirtus (prá hemorróidas), confere?

E o senhor não teve coragem nem de falar, só balançou o quengo.

O cara deve ter tido o maior cuidado na hora de pedir no balcão, e vem essa moça e o entrega de bandeja.

Pagou e saiu numa velocidade da peste.

Sequer ouviu que a moça desejou feliz ano novo, e ainda deve ter pensado em mandar a moça do caixa ir se lascar.

# CALÇA “DE JEANS”

ESSA BIXIGA DE MODERNIDADE PODE COMPLICAR QUALQUER SER HUMANO. Ainda mais quando se é um beradeiro convicto e juramentado.

Nunca me aperriei para comprar calça.

Muitas vezes, porque sequer tinha dinheiro. Então, para que se aperriar?

Outras vezes, porque sempre foi muito fácil.

Moça me veja uma calça Lee.

A vendedora dizia: – qual o seu número? (Mas já sabia qual era, e antes de você dizer algo, ela já falava: – acho que é 48). Sacanagem. O tom irônico e o sorriso maroto já esculachava o negócio. Porra, meu número é 46, e ela vem com essa de 48 só por causa da protuberância de cevada?

E já trazia uma ou duas calças, você provava, e pronto. Tudo resolvido.

Tem até uma brincadeira dos amigos do meu irmão. Como ele só usava calça Lee, e uma vez se encontrou os amigos, mas estava com uma calça diferente, a turma foi logo sacaneando: – pode não ser Lee, mas é Leestrada. Não deixou de ser Lee.

Hoje em dia não!

Conversinha é essa?

O beradeiro chega na loja e diz que quer comprar uma calça “de jeans”.

A vendedora vem logo com agressividade: – jeans claro ou escuro?

Como é que ela sabe que não enxergo certas cores?

Moça, me mostre jeans escuro.

E ela: – ok. Mas você prefere calça reta, slim, skinny, seiquelá, seiquelá, seiquelá?

Eu tive que apelar, mas com um sorriso de escroto na cara.

Homi, eu só quero uma calça “de jeans”, escura e que caiba “eu dento”. De preferência que não fique arrochando o meu saco e nem

os joelhos podres, e que se eu precisar ficar “de coca” não fique com o “rego” ao relento.

Tem?

# INSÔNIA

AI, AI SE EU TE PEGO

Ai, ai eu te mato...

Ah Fela da gaita!

Você pega um livro e quando está na melhor parte... pum... dorme.

Você está assistindo um filme e quando está emocionante... pum... dorme.

Você está cansado e com muito sono... e... pum...nada.

Então, você se lembra das várias técnicas para dormir que ouviu falar no decorrer da vida.

Contar Carneirinhos. Lembra até da pantera cor-de-rosa contando esse troço, e quando já vai prá lá de mil...pum...nada.

Fazer a dança do elefante. Faz todo aquele gingado malemolente e preguiçoso... e... depois de 30 minutos, e as pernas já dormentes... nada.

Meditar e respirar profundamente, não necessariamente nessa mesma ordem, porque você já está muito puto, na linha do povo que vai até o terceiro morro da esquerda daquele outro morro que você nem quer lembrar do nome, lá naquela trilha do Nepal, que fica da Casa de Krai prá dentro... e... pum... nada.

Então, você senta na cama, olha ao redor, constata um silêncio profundo, que dá até para escutar a respiração de uma muriçoca, e repara que sua esposa está num sono fenomenal. Chega ressona.

Sobe aquela inveja da porra prá seu juízo e você peleja para tentar tudo de novo.

Vamos lá. Usa os três efes.

Força, fé e fuleragem.

Começa pela leitura.

Pega o livro Perdido em Marte, acende a lamparina minúscula do molecular, que é para não perturbar aquele sono internacional da patroa,



e... depois de várias páginas e muita curiosidade... pum... nada. Foi pior. Ô curiosidade da peste.

Então, entra a velha televisão.

Liga a bichinha, coloca no volume zero, que é para não acordar a escrotinha da esposa, que está num sono profundo, já muito depois de Beta 39. Depois de mudar de canal várias vezes... pum... nada.

Essas duas coisas só dão certo se você não combinar.

É muita sacanagem.

Volta prá porra dos Carneirinhos, elefante e o Krai aquato, e... pum... nada.

Lembra de todas as posições mais confortáveis de dormir, desde o ventre da sua mãe, e... pum... nada.

De repente, toca o despertador.

Que porra é essa?

Num presta nem atenção no serviço?

Esse safado não viu que você já estava acordado?

Que amizade é essa?

Assim não. Isso enfraquece a amizade.

Então, você desliga o sacana e resolve dar aquela “espreguiçada”, fazer a despedida do travesseiro, e... pum... cochila.

Sacanagem.

Saporra desse sono é escroto mesmo.

Vá entender!

# VIDA DE BERADEIRO, ESTILO DE BERADEIRO

VIDA DE BERADEIRO.

Estilo de beradeiro.

Sandália de dedo, bermuda folgada e camisa de botão, mas aberta até a boca do estômago.

Simplicidade, liberdade e tranquilidade.

Roupa de domingo, só de vez em quando.

De tanto usar sandália de dedo ou alpercata, o pé fica espatifado no chão. Mas parece uma raiz de jacarandá.

Botar um sapato, mesmo que um número maior, é um suplício.

Vestir paletó é uma agonia.

Agora, colocar gravata, é sujeitar o beradeiro a ter a mesma sensação de um claustrofóbico num elevador quebrado.

Nem respira.

E fazer isso tudo, e ainda colocar o beradeiro num fusca com mais cinco pessoas, é prá torar o cabeçote.

# JÁ OUVIU FALAR EM CORRER LÉGUAS?

O MATUTO É UM SUJEITO SABIDO.

O beradeiro também.

Mas tem um beradeiro que extrapola os limites da “leseirice” (palavra derivada do verbo To be).

É essa praga que escreve aqui.

Rapaz, o cara estava fazendo uma massagem no joelho com uma pomada que os mais “usados” só conheciam como bengué, mas que hoje tem trocentos modelos, e de repente inventa de fazer xixi.

Simplesmente esquece de lavar as mãos e então, já viu, né?

Já ouviu falar em correr léguas?

Pois é, mesmo mancando, precisei correr umas mil léguas, porque o negócio né fácil não.

Dá uma quintura da peste no “cérebro” sobressalente, que vai subindo pro juízo real, em forma de “comixão”.

É uma agonia tão grande, que eu passei umas três vezes por São Jorge e nem prestei atenção que ele estava a pé.

Vai ser lesão assim lá no sítio da cacharimboca.

# A HISTÓRIA DO DOTE

ASSISTI RECENTEMENTE A UMA REPORTAGEM NA TV que tratava de um assunto muito interessante - a cidade dos gêmeos.

Na Índia, há uma cidade em que o nascimento de gêmeos é rotina.

Os cientistas ainda não descobriram o porquê de tantos gêmeos.

Inicialmente, pensaram ser genético.

Porém, casais de outras cidades que vinham morar lá, sem nenhum parente na cidade, quando tinham filhos, vinha uma parêa de gêmeos.

Haja estudo e até agora nada.

Em certo momento, entrevistaram um piloto de riquixá, que é o tal do mototáxi daquela região.

O cidadão veio com a esposa morar nesta cidade e já chegou com um filho e uma filha.

Na primeira gestação da mulher na cidade - uma parêa de gêmeas.

Passado algum tempo, veio outra gestação - e outra parêa de gêmeas.

Naquele momento, o cidadão já estava com cinco filhas.

Sequer sabia o porquê de tantas gêmeas, e estava aperriado, pois na Índia a tradição é o pai da noiva pagar um dote ao noivo, que é para a filha poder casar.

Esse coitado tá lascado, porque são cinco mulheres. Ele disse que como motorista de riquixá não ganhava muito e, após tirar o dinheiro da comida, das roupas e outras poucas coisas, o restinho que pudesse sobrar era para guardar para esse tal de dote.

É de lascar. Você cria a filha, vem um cidadão se fazendo de gaiato, começa a dar uns amassos, inventa de casar, e o pai ainda tem que pagar!

Fiquei puto.

Fui conversar com a minha esposa, e saber o porquê de eu não ter recebido o meu dote.

E ela, grossa que nem papel de enrolar prego, disse: – vai se aquietar maluco, porque se tu tivesse recebido um dote não ia adiantar de nada, pois tu tem é três filhas nas costas e ia ter que pagar três dotes.

Homi, arrepiou até o juízo!

Por isso, quando aparecer uns gaiatos lá em casa e vier com conversa fiada de casamento com minhas filhas, eu vou dizer que com filha de beradeiro é diferente. A cultura beradeira diz que quem paga tudo é o noivo.

Tá escrito. Num sei onde, mas tá.

Vai prá lá, rapaz!

# É CIRCO, É?



ASSIM NÃO VALE NÃO!

Hoje, no tal do Pilates, eu pensei que era um treinamento para entrar no circo.

A doutora disse que seria necessário sincronizar respiração, equilíbrio, coordenação e alongamento, e eu ia descobrir músculos que eu jamais imaginei que tinha.

E haja bolas, macarrão e tiras de elástico.

Mermão, quem tem capacidade de fazer várias coisas ao mesmo tempo é mulher....

No caso do homem, só tem uma ocasião em que se faz duas coisas ao mesmo tempo.

Com licença da palavra, é quando se vai “cagar” e leva-se um jornal ou uma palavra cruzada.

E olhe que se o assunto for pesado ou as palavras difíceis, e não for mantida a concentração, a prega mestra fatia o material e libera o subtotal. Somente depois que o cidadão se recupera, é que dá continuidade ao serviço.

Pois bem, a danada da doutora tripudiou.

Espie só a situação: eu tinha que inspirar, equilibrar o espinhaço em cima de um macarrão, levantar o braço direito e ao mesmo tempo estirar a perna esquerda, expirar na descida, manter o quadril encaixado, contrair o abdômen e ainda contar as repetições, e sei que lá, sei que lá, sei que lá... e depois repetir tudo trocando os braços e pernas.

Homi, tinha hora que eu fungava e nem respirava mais, e ela inventava de me perguntar quantas repetições eu já tinha feito.

E eu dizia: sei lá. Já não sei nem onde andam meus braços e pernas.

E teve uma hora que ela disse: concentre-se no diafragma.

Porraéisso!

Um sufoco da peste, uma danação de coisas para sincronizar e eu ia lá me preocupar com o tal do diafragma.

Essa peste não dá nem cabimento ao resto dos órgãos do corpo humano. É um eremita.

Trabalha por conta própria.

E eu vou lá me preocupar com isso.

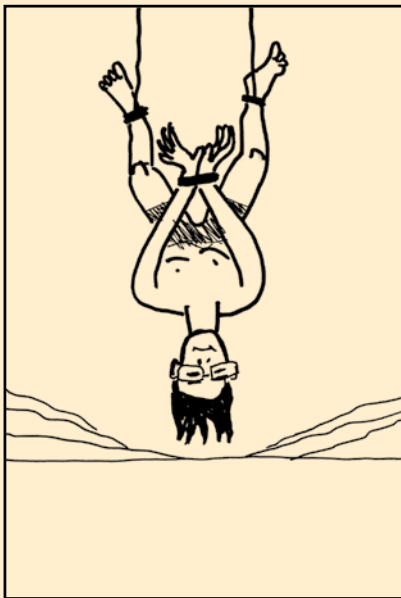
A preocupação grande de hoje foi quando a doutora mandou deitar no chão, dobrar as pernas, abraçá-las com os braços e forçar os joelhos em direção ao torâx.

O motivo desse apherreo foi porque em situação semelhante, na época da fisioterapia, um cidadão quando acochou os joelhos e pressionou o bucho, soltou foi um peido na cara da fisioterapeuta.

Eu só pensava qual a desculpa que ia dar se acontecesse comigo.

Já vou é começar a estudar.

# O TAL DO PILATES



EITA, COMEÇOU TUDO DE NOVO.

Mas, dessa vez, o nome é bonito: Pilates.

A coluna véia dessa vai destroncar ou espichar de vez.

Só na avaliação a doutora já viu, além do problema que gerou a rizotomia, uma escoliose acentuada.

Só faltou dizer que eu estou igual a uma Brasília velha que tinha na minha rua: com o eixo todo empenado e andando quase de banda....

Quando mandou eu juntar os pés, constatou que um dedão aponta prum lado e o outro, talvez por inimizade, aponta pro outro. Os “cabra” não se falam nem com a gota.

E começaram os alongamentos.

Teve uma hora que eu pensei que ela queria me dividir ao meio.



Homi, eu não chego aí não! Foi o que eu disse quando ela pediu para eu ficar em pé, com as pernas bem estiradas e tocar com os dedos da mão no chão. Pense numa sofrência!

Teve tanto exercício invocado que eu vi a hora sair voando pela janela.

As mesas são cheias de equipamentos e molas, se o neguinho não souber que é só para exercício pensa que entrou no DOI/CODI do tempo da ditadura. Confessa até o que não sabe.

E olhe que ontem foi só uma prévia e sem esses tais equipamentos.

E eu já fiquei moído.

Dou por visto quando começar essa presepada.

Se avexe não, beradeiro!

Agora você vai deixar de ser um véio crocante...

# PORRAÉISSO

AGORA LASCOU!

Inventaram um filme chamado 50 tons de cinza.

Eu já não vejo nem um tom, quanto mais 50.

Por que será que esse povo insiste em misturar tantas cores?

Vamos no básico....

Facilitem as coisas.

Basta branco, preto e azul.

E azul, azul!

Sem essa fuleragem de azul claro, azul escuro, azul marinho, azul sei que lá...

# NÉ FOME, NÃO. É O QUÊ, ENTÃO?

A CADA DIA ME CONVENÇO MAIS e hoje confirmei: estou no caminho certo.

O caminho do alargamento lateral e frontal do “bucho”. Crescimento em progressão geométrica, resultado de muita cerveja e excesso de comida que entope as veias, mas que dão gosto de comer.

Nesta semana, por um descuido mental e devaneio geral, fui almoçar salada. E o pior, tinha rúcula. Botei prá dentro (porque não consigo dizer que almocei) e voltei para o trabalho.

Assim que cheguei, a minha esposa liga... e pergunta: – já almoçou?

E eu respondi: – já  $\neg$ , mas não com essas palavras.  $\neg$  Comi um prato de capim.

E ela: – que pena. Estava querendo lhe chamar para almoçar.

E eu: – mas eu vou. Ainda estou com fome. Vou mais para lhe acompanhar.

Resultado: comi mais do que ela.

Hoje aconteceu de novo.

Ela demorou para chegar para jantar e eu comi uma pizza.

Quando terminei, ela manda mensagem: vamos sair para jantar?

Adivinhe o que respondi?

Só se for agora.

Lasquei-me.

Aliás, lasquei-me nada.

Vou é ser feliz.

Arrocha beradeiro!

# SERÁ VERDADE?

EITA, DOMINGÃO.

Já amanheci o dia com a corda toda.

Comecei logo correndo e jogando com as minhas filhas. Jogamos quase tudo: basquete, vôlei, futsal e uma modalidade inventada por elas que até parecia com o handebol.

Logo depois de tantos jogos corremos até um parque infantil, onde elas foram para o escorrego, balanços e tantos outros brinquedos, e eu ali de lado em pé, admirando e filmando.

Depois, fomos para um grande espaço coberto, onde elas andaram de patins e eu de skate. Foi muita correria.

Como elas não se cansam, ainda fomos andar de bicicleta pelas grandes trilhas do parque.

De repente, eu acordei.

Sacanagem.

E me lembrei que amanhã vou ficar sabendo o dia e hora da cirurgia da coluna.

Ô coisa sem graça.

# QUESTÃO DE NOME

ESSE NEGÓCIO DE ESCOLHER O NOME DOS FILHOS NÃO É COISA FÁCIL.

Algumas pessoas não têm essa dificuldade, pois mantêm o nome do pai ou avô, e incluem o júnior ou neto.

Outras pessoas fazem umas misturas muito loucas, em especial aqui pelo interior do Nordeste, e surgem nomes como: Manoelina, Francsidemar, e tantos outros.

E tem aqueles que inventam nomes, tal como inventaram o meu.

E em recente viagem, confirmei o quão ele é estranho.

No momento do embarque, o pessoal da empresa aérea conferia o bilhete e a identidade e recebia cada passageiro dizendo o nome:

- Senhor Gilberto, tenha uma boa viagem,
- Senhora Ana, tenha uma boa viagem,
- Senhora Ana Flávia, tenha uma boa viagem.

E na minha vez, a moça conferiu os dados do bilhete com o RG, e disse:

– Senhor... uma longa pausa...tenha uma boa viagem.

Sacanagem!

Achar o nome estranho, tudo bem!

Mas sequer tentar soletrar, é analfabetismo ou preconceito.

E eu voltei e disse: – cuidado, pois sou Ojuara, o homem que escreve besteira e faz raiva ao diabo.

# PENTELHO

TODOS NÓS SABEMOS que as mulheres têm lá as suas peculiaridades: TPM, menstruação, dor do parto, menopausa, dentre outras.

Muitas reclamam que essas situações são estressantes, causam dor e stress, etc...

Porém, no nosso caso, existem coisas que são massacrantes.

Uma delas é quando o tal do pentelho fica preso na cueca.

Rapaz! Não tem quem aguente não.

Dependendo do lugar onde se esteja, a coisa fica bem pior.

Se for num lugar em que não haja opções por perto, tal como um banheiro, para se dar uma organizada básica nos países baixos, e liberar a peste do pentelho da sua prisão domiciliar, o problema exacerba no seu juízo.

Pode acontecer de tudo, mas o seu pensamento não consegue desviar.

Se você fica parado, o danado dói.

Se você anda, ele dói.

Sentar numa cadeira? Nem pensar!

E se for numa festa, e a mulher dos seus sonhos se aproximar, e o “recreador” demonstrar “muita atenção”? Lascou! Aumenta a tensão do danado do pentelho, e a dor se intensifica.

É pura crueldade.

Mas, segundo Luis Fernando Veríssimo, em crônica recente, depilar essa região é coisa pior. Aqui no Nordeste se diz que é coisa de “fi de goiamum”.

Resumo: tô vendo a hora ter que fazer chapinha nos pentelhos, ou passar a andar sem cueca.

Vixi, me lembrei que nessa segunda opção é necessário ter cuidado com o “fexecler”. (Tradução em javanês = zíper).

Vareita.....

# MULHER ALINHADA



AQUI NO NORDESTE, quando uma mulher está muito arrumada, o beradeiro diz que ela está “alinhada”.

Até parece que quando ela não está arrumada, ela é empenada.

Mas, né isso não.

É palavreado de um dialeto autêntico.

E por falar em mulher “alinhada”, fico me lembrando de umas comissões que participei, e que eram presididas por uma high society. Totalmente alinhada.

Dessas que um beradeiro pensa que é de “vrido”.

Pele muito branca, jóias caras e roupas de festa, independente da hora.

Porém, o restante da comissão era composta por três peças da mais genuína casta matuta nordestina: eu e mais dois colegas - Álvaro e Arlindo.

Não tinha como ficar sério por mais de um minuto. Tudo era motivo de piada.

O trabalho da comissão era difícil - sindicâncias. Mas, toda a dificuldade era compensada com as resenhas durante as viagens.

Numa dessas, chegamos a uma cidade de águas termais.

Além das águas muito quentes, o calor é insuportável.

Então, depois de uma manhã de muitos depoimentos, chegamos ao hotel, a Doutora foi pro apartamento dela e o magote de três matutos foi para outro.

Como todo matuto é metido a sabido, logo descobrimos que tinha no banheiro um grande pote de barro e uma caneca. Mas, prá que isso?

Bastou o primeiro entrar no banheiro para tomar banho, que descobrimos: – que porra é essa? – gritou ele. – Me queimei todo quando abri a torneira do chuveiro.

E nós dois matutos do lado de fora dissemos: – use a água do pote que deve estar fria. Em resumo: banho de cuia.

E assim foi com todos os três.

Quando nos encontramos com a madame chic, ficamos esperando ela comentar algo.

Dito e feito.

Foi logo dizendo: – meninos, quase que vou bater no hospital com queimaduras. Ô água quente danada.

Só Deus sabe como consegui terminar o banho.

E nós dissemos: – mas doutora, no nosso banheiro tem um pote grande de barro e uma caneca, e como a água é fria, foi como conseguimos tomar um banho tranquilo.

E ela: – e é? Eu pensei que aquela água era para descarga. Nunca imaginei que teria que tomar um banho de cuia.



E no restante dessa viagem, a nossa colega high society notou que andar com matuto é diferente e desmantelou-se.

Quando paramos para almoçar, no retorno à Natal, escolhemos um restaurante que servia uma galinha caipira na panela de barro.

E ela mesmo disse: – comer esse tipo de galinha só é bom com as mãos e se lambuzando mesmo.

Resultado: quando prestamos atenção, ela estava só com os olhinhos de fora, pois, a pele branca estava completamente lambuzada de graxa de galinha.

Prá completar a fuleragem, só faltou pedir um pão francês prá passar no fundo da panela.

Homi, por que não fiz isso?

Chega deu água na boca!

# AMOR OU FRESCURA MESMO?

– MÔÔÔÔÔ!

– Oi, beeeiiiiimmm!

– Você quer sopinha na boquinha, Môôôôô?

– Quero sim, beeeiiiiimmm.

Essa frescura toda em plena padaria.

Josué não se conteve e mandou uma “pilhéria” para seus amigos que estavam na mesa vizinha: – queridoooossss, vocês querem com ou sem manteiga? Eu boto pouco ou muito?

E um dos gaiatos respondeu: – bote muitáoooo.

O casal notou a sacanagem deles e se aquietou.

Estavam no seu direito, e ninguém tinha nada com isso, mas que era chato, era.

Aliás, tem casal que se supera.

Em casa deve ser a maior dureza, mas em público passam a se amostrar.

É que nem facebook. Tem gente na maior merda, mas posta coisas como se estivesse no paraíso.

Outro dia tinha um casal num shopping, no maior agarrado, e com palavras sempre no diminutivo:

– Ah, benzinho, vamos comer um doguinho?

– Hummmm, morzinho, gosto não. Quero uma esfirrinha.

– Benzinho, quer beber uma coquinho também?

– Não, morzinho. Eu quero é suquinho.

Passou um bêbado e disse: – vai comer aqui mesmo?

O cara pensando que o coitado do bêbado estava de sacanagem, foi prá cima dele e disse: – qual é a tua, mano?

E o bêbado respondeu: – é fominha. Tu pensou que era o quê, queridinho?

E pegue-lhe um bofete no pé da orelha, mandou o marmanjo. E ainda disse: – brincadeirinha, morzinhooo.

O bêbado rodopiou e concluiu: – porra, mesmo eu sendo carinhoso você ainda me bate, me maltrata, me judia, mas eu te amo mesmo assim, queridinho.

E tome-lhe carreira.



# RODAGENS

CERTAMENTE, QUEM ESTÁ LENDO ISSO já deve ter viajado de ônibus pelos interiores deste país.

Pois bem, no tempo em que trabalhei como dentista na cidade de São Tomé tive a oportunidade de fazer diversas dessas viagens.

Na época, considerava uma tortura, mas hoje, serve de motivo para uns causos.

Era do tipo pinga-pinga.

De carro, a viagem durava normalmente 1h20min, se você fosse na média de 80km/h.

Porém, de ônibus durava mais de 3h00min.

Se qualquer criatura que estivesse na beira da estrada levantasse o braço para coçar o suvaco, o ônibus parava.

Até hoje eu não sei como é que o cobrador controlava os pagamentos.

Não tinha essa de lugar marcado e apenas uns poucos pegavam o ônibus na rodoviária.

Os demais iam entrando pelo meio do caminho.

E quando estava lotado?

O danado do cobrador saía pelo meio do povo, com as notas de dinheiro dobrados ao meio, no comprimento, e encaixadas em dobra entre os dedos “maior de todos” e “fura bolo”. Além disso, tinha um bloquinho e uma caneta para anotar só Deus sabe o quê.

Era uma zona organizada.

Porque além desse povo todo, quando passava na feira da cidade de São Pedro, o negócio complicava.

Tinha gente que entrava com umas caixas de papelão, amarradas com barbante desfiado, e sempre tinha um bicho como conteúdo. Normalmente, eram galinhas ou perus, mas tinha de tudo: guiné, ti-juaçu, peba, porquinho, um monte de pintinho, e outros mais.

Mas, o pior de tudo era quando o ônibus estava muito lotado e entravam muitas crianças, que tinham que ficar em pé.

Muitas delas não estavam acostumadas a andar de ônibus e, além de ficar em pé, geralmente bem na mira da buzanfa de alguém, ainda ficavam enjoadas quando o ônibus começava a sacolejar.

Na primeira curva, começavam a “inguiar”: – uuhhhuuuu, uhhuuuuuu, uhhhhuuuu. – E quando vinha uma freada, botavam para fora tudo que tinham no bucho.

Juntava a “catinga” do vômito dos meninos, com o bafo dos bêbados da feira, com o bafo dos mascadores de fumo, com a suvaqueira do povo que não sabia o que era banho há muito tempo, com o chulé do povo com frieira, com o cheiro de bosta das galinhas das caixas de papelão, e com o seu próprio bafo de sono. Era pra lascar.

Não tinha meditação que desse jeito. Levitação? Nem pensar, porque o teto do ônibus era baixinho.

Então, para me distrair, tinha que passar a prestar atenção em tudo o que ocorria.

Uma coisa interessante: segundo os especialistas, em algumas cidades do interior a água é identificada como sendo “dura”. Isso foi literalmente identificado por mim, pois constatei que todo mundo que entrava no ônibus de cabelo molhado e conseguia uma cadeira, quando chegava no final da viagem, não estava com o cabelo assanhado, mas amassado. Ficava bem “linheirim”. Parecia um capacete.

Em resumo: se você nunca viajou assim, não deixe de fazer pelo menos uma vez, pois terá muita coisa para contar.

# CONVERSA DE NUTRICIONISTA

DEPOIS DE SABER QUE A TEQUILA EMAGRECE, pelo menos até este horário, e saber que alguns alimentos mudam a fama em apenas alguns minutos, fiquei imaginando coisas.

Lembrei da coitada da galinha, que vive fazendo aaaahhhnnnnnnnn - ploft, para liberar um ovo, e a nutricionista diz: – hoje pode. Amanhã não pode. Num dia, só a clara faz bem (não tem nem graça). Noutra dia, a gema faz bem (agora sim). Noutra ocasião, só gema mole faz bem (sa-be-se lá o porquê). E em certa ocasião, a gema dura é o melhor remédio.

É um vai e vem da peste.

Se o cidadão for na onda, pode se lasciar todinho.

O negócio é comer o que tem vontade enquanto está aqui na terra, pois dizem que lá em cima não tem nem algodão doce, nem cavaco chinês, imagine o resto.

Se chegar lá com fome, vai passar aperseio.

E se ficar comendo só folha, caroço e grão, não vai fazer sustância, e sequer vai ter pressão para soltar uns peidinhos. Vai é fazer bolhinhas de sabão.

Junto a tudo isso, vem a bebida.

Tem hora que as nutricionistas dizem que não se pode beber nada durante as refeições, porque pode prejudicar a digestão.

Até pode ser, mas duvido que alguém nunca tenha bebido uma coca-cola estupidamente gelada junto com uma pizza. Produz um arrôto de alto calibre. É bom demais.

E coca-cola com “soda” de rodoviária e/ou bolo de saquinho de bodega?

Rapaz, dá uma pressão, que se você pegar um ônibus numa buraqueira vai produzir gás metano em banda de lata.

E tem mais. Recentemente foi publicada uma matéria dizendo que a cerveja faz bem.

Homi, bebi meia grade só para comemorar!

Porém, resolvi ler mais atentamente a dita matéria (não sei nem pra quê, pois já estava comemorando mesmo).

Aí foi uma desgraça. A matéria dizia que cerveja faz bem, mas se beber apenas dois copos por dia.

Fui consultar uns “bebim” de carteira assinada e descobri que não tem um cristão que sente numa mesa de bar e consiga beber só dois copos.

Os “cabra” já estavam era fazendo empréstimo consignado de copo quando estavam tomando antibiótico.

Pense numa sacanagem!

Depois dessas eu fiquei foi cismado com conversa de nutricionista. Ainda mais que conheço uma que durante a copa ficou nervosa, esqueceu a matéria e encheu a lata.

Então, viva a cerveja e o tira-gosto que presta, que é aquele que entope as veias.

Arrocha.....

# INVEJA

Segundo a Bíblia, a inveja é um pecado capital.

Como não sou um grande católico apostólico romano, acredito que tem inveja sadia.

Certa vez fui viajar de avião e, como todos sabem, para sair de Natal precisamos acordar de madrugada. Então, acordei às 3h da madrugada e me mandei para o aeroporto.

Ao chegar lá, fiquei matutando como consegui, pois tinha sono em todos os poros. O juízo chega estava pesado.

Entrei no avião e encaixei na cadeira. Isso mesmo. Eu não tenho o privilégio de sentar, eu encaixo no que dizem ser uma poltrona, devido ao meu tamanho, e não consigo fazer o que muita gente faz: dobrar as pernas e deitar para um lado, depois virar para o outro, cruzar as pernas na cadeira... Isso me dá uma inveja da peste.

E, por causa disso, não consigo dormir. Sequer um cochilo.

Nesse dia, mesmo com muito sono, não consegui nem cochilar.

Fiz de tudo: contei carneirinho, fiz a dança do elefante, meditei, respirei profundamente para ver se o sono vinha, mas nada.

Aí senti inveja de novo.

O cidadão da cadeira da frente estava dormindo e roncando. E não era qualquer ronco não. Era ronco modelo internacional.

Começava com um barulho parecendo um estrondo de traque de peido de velha e depois vinha o som de um uivo de lobo com desinteria. Dava um tempo ressonando e depois começava de novo. Tudo bem ritimado.

Meu amigo, que me perdoem os católicos, mas duvido que alguém com sono não tenha inveja numa situação dessas.

Se por isso eu vou para o inferno, então o resto é fichinha.

Alô pessoal do templo quente! Manda gelar a cerveja para quando eu chegar.



Não precisa acender a churrasqueira, pois dizem que aí é tudo pegando fogo.

Um brinde de Ojuara 2, a missão.



# PALAVREADO

TODO MATUTO PRESTA ATENÇÃO EM TUDO.

E no quesito palavras, tem que ter cuidado quando se fala com ele.

Hoje eu passei por duas situações interessantes.

Na primeira, estava eu almoçando com dois amigos de trabalho e a atendente perguntou o que um deles ia beber. O amigo disse: – suco de laranja.

Quando direcionou a pergunta ao outro amigo, ele estava mastigando e não conseguiu pronunciar nada. Porém, logo em seguida ele falou: – IDEM.

Se fosse na catingueira, a moça ia fazer carreira lá pra dentro da cozinha e perguntar ao povo que diacho de fruta é essa.

Ia ser o maior furdunço. Ia ter gente até pesquisando no google.

Ô agonia.

Na outra situação, vi duas pessoas jantando e a cozinheira, que estava fazendo um macarrão, perguntou: – vocês gostam duro ou mole?

Rapaz, pense num constrangimento.

Mas piorou.

Depois dessa, a cozinheira foi fritar uma “parêa” de ovos e tornou a perguntar: – vocês querem o miolo duro ou mole?

Homi, até parece sacanagem.

Me lembrei do que seu Juca disse uma vez lá na mesa grande do restaurante de Dona Teca: – faça tudo mole mesmo, porque nessa idade, de duro, só o dedo.

# PALETÓ, MEU PALETÓ (E ÚNICO)

PENSE NUMA AGONIA!

Nunca fui de usar paletó.

Motoqueiro, barbudo, cabeludo e adepto das calças jeans e camisetas em qualquer ocasião.

Porém, quando fui casar tive que comprar um.

E fui logo numa loja chique chamada Mustang. Estranhei o atendimento. Alto nível. Cafezinho, água, refrigerante e balas. Muita atenção e cordialidade.

Pedi dicas e fui muito bem orientado. Tudo bem ajustado e da melhor qualidade.

Até o sapato era de um tal de couro de pelica italiano.

Só fiquei aperriado na hora da conta. Deixei um mês de salário no caixa.

Fui casar bem arrumado, mas liso que só a gota.

Esse paletó passou a ser a farda de tudo quanto era ocasião em que era necessário.

Porém, com certo tempo deixei de ir a tais eventos.

Depois de mais de 15 anos, voltei a precisar de um paletó.

E esqueci de comprar outro ou alugar um.

E chegou o dia.

Fui direto nele.

Considerando a protuberância abdominal bem criada através de uma dieta rígida – cerveja, churrasco, cerveja, e que o resto do corpo teimou em acompanhar, enfrentei alguns problemas.

A calça ficou no meio da canela. Passou só um tantinho do joelho. E o que fazer, pois já era no dia do evento? Disseram lá em casa: – descostura a parte de trás.

Fizeram essa operação e ficou uma parte mais clara e outra mais escura na retaguarda, sendo esta última em forma de V, direcionada bem pro meio da regada. Mas, mesmo assim não abotoou. Contudo, o cinto encobriria a marmota.

Me organizei todo, mas não vesti a parte de cima do paletó, pois iria dirigindo para o evento.

Chegando no local, pedi a minha esposa para ajudar a vestir o paletó, porque não consegui sozinho.

Fudeu tudo!

Quando o bicho encaixou no ombro, me senti numa prensa de algodão.

Totalmente apertado. Quando casei tinha 75 Kg e nesse dia estava com 98 Kg.

A manga ficou curta e se eu abotoasse a parte da frente, não conseguia respirar direito.

Deixei desabotoado, mas a mulher disse que eu tinha que abotoar, pelo menos na chegada, e que depois de certo tempo é que podia desabotoar.

Lá fui eu.

Braços colados no bucho lateral, porque não dava para ser diferente.

Logo no primeiro cumprimento, constatei que não conseguia levantar a mão muito além de 40° e que não podia afastar o braço do corpo.

Foi uma merda, especialmente quando passava um garçom perto de mim. Cadê que eu alcançava o copo na bandeja?

Quando chegamos à mesa reservada para nós e eu fui sentar, senti a morte na minha frente.

Subiu uma pressão pro meu juízo, porque o paletó estava tão apertado que prendeu a circulação.

Desabotoei o paletó e consegui me sentar, mas não conseguia pegar nada que estava em cima da mesa.

Um suplício.

Peguei ar.

Tirei a porcaria do instrumento de tortura, arregacei as mangas e parti para a agressão: ataquei os copos de whisky.

Resultado: saí embriagado, mais buchudo e “feliz que só a porra”.



# VIAGEM SEM JEITO

RAPÁ, NUM SE FAZ ISSO COM AMIGO NÃO.

Mas o pior é que aconteceu.

Surgiu uma viagem de trabalho e eu, como marinheiro de primeira viagem nos assuntos a serem tratados, chamei um amigo de labuta.

Lá fomos nós para Vitória do Espírito Santo.

E tinha que ser no Espírito Santo mesmo, pois só ele para nos proteger.

No primeiro dia teve a abertura do evento e como não conhecíamos ninguém, ficamos feito coruja, só observando.

A intenção num lugar desse é “se enturmar”.

E ficamos com as “butucas” bem abertas e as “oiças” em alerta.

Depois de ouvir dois “ôxe”, um “visse” e um “vareita”, localizamos de imediato um “magote” de nordestinos.

Pronto!

Estávamos em casa.

Terminada a cerimônia de abertura, esse magote de gente resolveu ir tomar umas biritas nos bares que ficavam no encontro do rio com o mar.

O amigo, popularmente conhecido como Professor, disse que preferia ir beber uns chopes no bar do hotel e depois ir dormir mais cedo. Estava cansado.

E lá se fui eu no meio do bando de beradeiros.

Quatro táxis lotados.

Chegamos no dito local, e nos “aprochegamos” nas longas bancadas que cercavam as mesas. Parecia um monte de banco de igreja.

E pegue cerveja!

Conversa vai, conversa vem, e cerveja só vindo.

Depois de certo tempo, estaciona um fusca perto de nós, um cidadão abre as duas portas e liga o som. Cabe um parêntese: era um som de

fitá cassete, e o som do fusca se resumia a uma caixa de som e um twitter em cada porta. E o cabra ainda botou no último volume. Ou seja, era um ruído miserável tão abafado que você pensava que estava debaixo de uma jamanta.

E a trilha musical: forró de pé de serra.

Homi, logo na frente de um magote de nordestino!

O povo se animou e danou-se a dançar forró ali na calçada mesmo.

Como eu não sei dançar porra nenhuma, fiquei agarrado com meu copo.

E haja forró pro povo, e haja cerveja pra mim.

Depois de um tempão, o dono do fusca resolveu se mandar e acabou com a festa.

Então, resolvemos voltar para o hotel.

Quando fiquei em pé, notei que estava com interferência no juízo.

Tico mandou uma mensagem para Teco:

Tico: – Tais aí?

Teco: – Tois.

Tico: – Da donde?

Teco: – Oxe, no mermo lugar de sempre.

Tico: – Tô vendo não.

Teco: – Apois abra os zói.

Tico: – Marróia.

E nesse ínterim, o povo descobriu que não tinha mais táxi. Duas da madrugada e o hotel meio longe.

Tinha jeito não. O negócio era andar.

E o magote de gente pegou o prumo e seguiu pelas ruas.

No meio desse povo tinha um seresteiro totalmente embriagado: Fernando. E ele não contou conversa: pigarreou e danou-se a cantar bem alto.

Os outros bebim resolveram fazer côro e na medida em que avançavam, os apartamentos e casas iam acendendo as luzes para ver o que

estava acontecendo. E para não perder a viagem, aproveitavam e nos mandavam para a pqp.

Foi bom essa zuadeira. O tempo passou bem ligeirim.

Chegados ao hotel e começou a sacanagem com o meu amigo.

Eu não tinha chave (ainda não tinha evoluído para os cartões), e a recepção não tinha segunda via.

Resultado: tive que ir para a campainha.

Quase três da madrugada e o amigo vem abrir a porta. Não precisava nem tirar as remelas, pois o semblante era de quem estava puto da vida.

Pedi desculpas e imbioquei no apartamento, antes dele me dar uma porrada. Não vi e nem ouvi mais nada.

No dia seguinte, depois de um dia extenuante de palestras, foi agendada um tour pela cidade.

Dessa vez, o amigo resolveu ir junto.

Não tinha nenhum bar aberto. Plena terça-feira.

Os taxistas disseram que só tinha uma opção: um clube localizado no bairro mais alto, com vistas para o rio e o mar. Era um clube da máxima idade. Até parecia que tinha nevado. Só dava cabelo branco.

Então, pegue cerveja de novo.

De repente, o amigo “professor” desapareceu.

Todo mundo procurou e nada.

Acabou a festa e nada do professor.

Então, volta todo mundo para o hotel, no mesmo modelo do dia anterior, ou seja – de lata cheia. Pelas beiradas.

Quando chego ao hotel, descubro na recepção que o amigo professor já tinha chegado.

Putz. Falei pro recepcionista: lá vou eu acordar o amigo de novo.

E ele: vai nada. Ele mandou a chave pelo elevador e pediu para lhe entregar, pois não queria ser acordado de novo.



Ô alívio. E fui pro apartamento. Abri a porta, mas como estava cheio de meropéia e sem ver nada, nem lembrei que o homi estava dormindo, e acendi a luz. Só escutei um “PORRA”.

Mirei a minha cama, apaguei a luz e fiz carreira. Tchibum. Mergulhei e fiquei bem quietinho.

Na terceira noite, eu implorei para ele sair com o magote de nordestinos, mas ele tinha marcado uma birita com um pessoal do Rio.

Fiquei pensando: “vai se lascar de novo”.

E o roteiro foi o mesmo. Ele chegou primeiro e mandou a chave pelo elevador.

Não tinha jeito. Cheguei melado, só para variar, peguei a chave e subi. Ao chegar ao apartamento, abri a porta e automaticamente fui ligar a luz. Nada. Tudo apagado. Não acendeu nem com a gôta.

Fui Tateando até a cama, silenciosamente, me deitei, e pronto.

No dia seguinte, comentei com o amigo: – rapaz, temos que avisar na recepção que a lâmpada queimou.

E ele, com todo o cinismo do mundo disse: – queimou uma porra, eu é que folguei a lâmpada no bocal, senão você ia me acordar pela terceira vez consecutiva.

Pense num cara legal.

Fosse outro, tinha me dado um “bufete”.

# AEROGORDA

LÁ SE VAI OUTRA VIAGEM DE AVIÃO e mais uma presepada.

Um beradeiro que só andava de jumento, carroça e de “a pés”, agora fica botando banca quando anda de avião. Ê de lascar.

O primeiro carro foi um fusca e depois teve um bugre. Aliás, o bugre é que decidiu ter ele. Fazia o que queria.

Então, devia era dar graças a Deus de poder estar tendo a oportunidade de estar voando.

Mas não.

Faz as viagens e fica inventando lorota para contar para os amigos.

Dessa vez, foi o seguinte:

Sair de Natal de avião é uma agonia, pois Natal não é o cú do mundo, mas está exatamente nas “beiradas” do cú de um elefante, pois o mapa do Estado do RN se parece com tal animal. Assim sendo, é só ver o mapa e a localização de Natal, que se chega a esta conclusão.

Só pode ser por isso que os vôos de saída e chegada em Natal são de madrugada, que é para pegar o animal dormindo e não ser pego de surpresa com os gases emanados do dito cujo.

Você chega no aeroporto e encontra um monte de zumbi chegando e saindo. Todo mundo com cara de poucos amigos, os olhos cheios de remela e o bafo de onça descarenada.

Ê uma tragédia.

E quando você consegue entrar no avião, se acomoda na poltrona e tira um cochilo, vem a aerogorda - isso mesmo, não era uma aeromoça, era uma aerogorda - e esbarra na sua cabeça. Isso aconteceu três vezes comigo.

A danada não queria entender que com aquele “xeipe” não dava para andar de frente e sim de bandinha.

O cidadão sentado duas poltronas à frente foi inventar de levantar o braço para ver melhor as palavras cruzadas e a aerogorda passou e jogou longe o seu passatempo.

Outra vez esbarrou numa garota com longos cabelos rastáfari. Se tivesse uma fivela na sua roupa, tinha arrastado a garota pelo corredor do avião e não ia nem sentir.

Suponho que ela deve comer todos os lanches que não são consumidos nas viagens e sobra para nós pagar o excesso de peso.

Me desculpem os que crescem lateralmente e frontalmente, mas eu não podia deixar de falar disso, pois não consegui dormir nem um minuto neste voo, porque fiquei com medo de acordar e notar que estava faltando algum pedaço.

# GUARDA-CHUVA



EITA, GUARDA-CHUVA ARETAAAADDO!

Na Terra do Sol também chove.

Mas é uma vez aqui, outra acolá.

Teve a chuva de 2015 e agora a de 2016.

Pois bem, aqui nessa terra o tal do guarda-chuva é igual a casaco.

O casaco só se usa quando se vai ver filme no shopping. É para tirar o cheiro de mofo.

E o guarda-chuva é artigo de uso raro também.

Nesse embalo, na chuva do ano passado, eu comprei um guarda-chuva daqueles vendidos nos sinais de trânsito.

Daquele modelo que fica bem “pixôxôtinho”, e quando você precisa, tira uma presilha e aperta um pipôco. Pronto. O bicho se monta sozinho.

É um espetáculo.

Mas o bicho é usado uma vez e fica um tempão hibernando.

No meu caso, ele fica bolando de um canto para outro dentro do carro.

Nas viagens, tudo quanto é mala vai em cima dele.

No supermercado, as compras também vêm em cima dele.

No dia a dia, minhas filhas pisam em cima, chutam e desprezam o coitado.

E como nunca sabemos quando a chuva vem, fui pego de surpresa.

Hoje choveu.

Fui pegar minhas filhas na escola e, para a minha sorte (ou azar), tinha uma vaga “mermu” na frente da saída da escola.

Isso é um megasena da virada.

Nunca tem vaga perto.

Mas hoje tinha.

Parei o carro, procurei o possante (estava debaixo do banco do passageiro), abri a porta, tirei a presilha e apertei o pitôco.

Praaaaaaaaaaaaaa.

Surgiu uma aranha desmantelada.

Pense numa marmota!

Uns ferrinhos indo, outros vindo, e quase todos quebrados. Uma visão do inferno.

O restinho de capa que tinha estava rasgada.

E o vento?

Estava de longe só “cubando”.

Quando viu a merda, ele disse: – vou atacar.

Deu uma rajada internacional, que virou os “cambitos finos” e o restinho de capa ao avesso.

No popular: acabou de acaralhar.

E eu só tinha uma coisa a fazer: puxar aquele troço de volta para dentro do carro, porque tinha um bocado de gente amontoada no portão e pensando: ô cabra leso e liso.

Pois é, esses troços tem sentimento.

Isso foi uma revanche.

Eu já devia saber disso, pois as muletas tinham vida própria.

Mas esqueci.

Vou cuidar melhor das coisas.

Vou já dar um polimento no pinico de ágata. Sei lá o que ele pode fazer...

# BIOGRAFIA DO AUTOR

AURIDAN DANTAS DE ARAÚJO

## HISTÓRICO DE UM BERADEIRO

Formado em Odontologia em 1984, licenciado em Educação Física em 1991, especialista em Saúde Pública, em Qualidade na Prestação de Serviços e em Gestão Pública e mestre em Engenharia da Produção na UFRN. Na trajetória profissional, atuou como Dentista na Prefeitura Municipal de São Tomé/RN e no Governo do Estado do Rio Grande do Norte, bem como na antiga ETFRN, depois CEFET/RN, e hoje IFRN, onde, desde o ano de 2010, atua em funções administrativas, sendo o atual Diretor de Gestão de Pessoas.



O hábito de escrever vem traduzindo as andanças e perambulações da vida deste beradeiro juramentado, que não quer deixar o palavreado nordestino sumir do mapa. Na década de 70, seu negócio era escrever letras de músicas e esperar alguns amigos musicá-las, o que rendeu a formação de um grupo chamado Uirapuru, que fez uma apresentação na TV Universitária, no programa Talentos da Nossa Terra. Muitas dessas letras foram publicadas em um livro de poesias, no ano de 1983, chamado Poesia, Pão e Verso, que foi uma produção independente. No ano de 1999 lançou o livro Versos Atônitos, que foi patrocinado pela Fundação de Apoio ao CEFET/RN - FUNCERN, e teve o apoio da Editora do CEFET/RN.

No ano de 2014, num período de recuperação pós-cirurgia, surgiu a ideia de lançar um livro de crônicas e a Editora do IFRN apoiou

totalmente, chegando a um momento especial que foi a publicação do livro Crônicas do Cotidiano – a saga de um beradeiro e de uma enfermeira, no qual a amiga Maria Alice Dumaresq também publicou suas crônicas.





As atividades editoriais do que hoje denominamos Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN, iniciaram em 1985, no contexto de funcionamento da ETFRN. Nesse período, essas atividades limitavam-se a publicações de revistas científicas, como a revista ETFRN, que em 1999 tornou-se a revista Holos.

Em 2004, foi criada a Diretoria de Pesquisa, atual Pró-reitoria de Pesquisa e Inovação, que fundou, em 2005, a Editora do IFRN. A Editora nasceu do anseio dos pesquisadores da Instituição que necessitavam de um espaço mais amplo para divulgar suas pesquisas à comunidade em geral.

Com financiamento próprio ou captado junto a projetos apresentados pelos núcleos de pesquisa, seu objetivo é publicar livros das mais diversas áreas de atuação institucional, bem como títulos de outras instituições de comprovada relevância para o desenvolvimento da ciência e da cultura universal, buscando, sempre, consolidar uma política editorial cuja prioridade é a qualidade.



Auridan Dantas

# BARRUADAS e CATABILHOS na estrada da vida de um barradeiro

**IFRN**  
Editora



9

788583

332220

**ABEU**  
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA  
DAS EDITORAS UNIVERSITÁRIAS